

FEMINISMO EM MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

FEMINISM IN MUSIC THERAPY: A SYSTEMATIC REVIEW

Natália Baldissera Damiani¹, Roberta Coitinho², André Brandalise³

Resumo: O objetivo dessa pesquisa é o de apresentar uma revisão sistemática de literatura acerca de trabalhos envolvendo feminismo, teorias feministas e temas que interessam ao feminismo nos últimos dez anos. A revisão indica que é crescente o número de trabalhos nesta área de interesse desde o ano de 2012, que há uma variedade de países envolvidos neste tema e que há uma heterogeneidade de demandas relacionadas a questões feministas.

Palavras-chave: musicoterapia, revisão sistemática, feminismo.

Abstract: The purpose of this research is to present a systematic review of the literature on works involving feminism, feminist theories and themes that have interested feminism in the last ten years. The review indicates that there is a growing number of papers in this area of interest since the year 2012, that there are a variety of countries involved in this topic and that there is a heterogeneity of demands related to feminist issues.

Keywords: music therapy, systematic review, feminism.

INTRODUÇÃO

Este é um dos resultados de um estudo feito pelas autoras em curso de formação em nível de pós-graduação em musicoterapia. O estudo possibilitou uma experiência em um grupo de percussão feminino, e influenciou para que as pesquisadoras decidissem melhor conhecer o feminismo na ótica da musicoterapia. Este estudo traz uma revisão sistemática de literatura acerca do assunto nos últimos dez anos.

¹ Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias - FAC. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3490594438371042>. natidamiani@hotmail.com

² Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias - FAC. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9158638650778759>. rcoitinho26@gmail.com

³ Centro Gaúcho de Musicoterapia - ICD. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0932856132027916>. andre.brandalise@temple.edu

O feminismo é um “movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão” (HOOKS, 2000). O termo feminismo é apresentado na Encyclopædia Britannica como a crença na igualdade social, econômica e política dos sexos (BRUNELL & BURKETT, 2017). Historicamente existem três ondas do feminismo moderno. Segundo Hadley (2006), a primeira delas (meados de 1800 à 1920) teve suas raízes no movimento de abolição da escravidão de 1830, e culminou na movimentação para o sufrágio das mulheres. Foi associada ao acesso e à igualdade de oportunidades para mulheres, reivindicando igualdade salarial, direito ao divórcio e ao aborto, entre outros. A emenda do sufrágio feminino foi introduzida nos Estados Unidos a partir de 1878, e finalmente ratificada em 1920. No Brasil, o direito ao voto feminino foi conquistado em 1932 (BARBOSA & MACHADO, 2012). A segunda onda do feminismo moderno (décadas de 1960 e 1970) foi marcada por movimentos de emancipação nas sociedades ocidentais do pós-guerra (HADLEY, 2006). Foi nessa época que várias abordagens feministas – liberal, socialista, radical – desenvolveram-se, cujas sementes haviam sido plantadas na primeira onda. Surgiram várias vertentes dos feminismos de “identidade” e muitos grupos feministas reconheceram que a opressão patriarcal não era vivida de forma homogênea. A terceira onda do feminismo moderno (década de 1990) tem sido marcada pela “necessidade de desenvolver uma teoria e uma política feminista que honre experiências contraditórias e desconstrua o pensamento categórico” (KROLØKKE & SCOTT SØRENSEN, 2005) e é marcada por uma reviravolta que marca o afastamento do pensar e agir em termos de sistemas, estruturas e relações de poder fixas. Esta onda do feminismo inclui movimentos tais como: *feminismo pós-colonial*; *feminismo LGBT*; *transfeminismo*; *novo feminismo*; *feminismo de terceira onda*; *cyberfeminismo*; *pós-feminismo*; entre outros. A terceira onda do feminismo moderno segue defendendo a aceitação de um mundo caótico e, ao mesmo tempo abraçando a ambiguidade e formando novas alianças (HADLEY, 2006).

Segundo Susan Hadley (2006), na musicoterapia o feminismo vem se apresentando ao longo das últimas décadas pouco a pouco. Em 2006 a pesquisadora lança o primeiro livro dedicado a demonstrar e explorar as dimensões feministas da musicoterapia. Antes disso, Sandra Curtis (1990, 2000 e 2003), Susan Baines (1992), Toni Day e Helen Bruderer (2002), Susan Hadley e Jane

Edwards (2004), Michele Chestnut (2004) e Elizabeth York e Maureen Hearn (2005) fizeram explorações feministas importantes na literatura de musicoterapia. Em seu livro, Susan Hadley traça um panorama geral de publicações de musicoterapeutas que escreveram sobre temas que interessam às feministas. Sua pesquisa constatou que, entre 1989 e 2005, os temas mais abordados nessa perspectiva foram: distúrbios alimentares/imagem corporal (12 artigos); crianças/adolescentes abusados (10 artigos); cultura e comunidade (9 artigos); violência masculina contra mulheres (8 artigos); reflexão/reflexividade crítica (8 artigos); gênero (5 artigos); parto (5 artigos); empoderamento (4 artigos); orientação sexual e problemas de saúde relacionados (3 artigos).

1. OBJETIVOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA

Os objetivos foram: 1) identificar pesquisas e trabalhos relacionando feminismo e temas ligados ao feminismo com musicoterapia; 2) examinar de que maneira a musicoterapia está envolvida com o tema; 3) verificar quais populações abrangidas nesses trabalhos; 4) examinar tipos de resultados e conclusões.

2. METODOLOGIA

2.1 Critérios de inclusão

Foram incluídos nesta revisão artigos sobre pesquisas e trabalhos que envolvem a utilização de musicoterapia e feminismo. Todos os estudos que apresentaram temas de interesse do feminismo, incluindo trabalhos com mulheres e perspectivas teóricas, foram analisados. Todas as formas e abordagens em musicoterapia foram incluídas.

Uma busca manual e eletrônica foi efetuada nos seguintes periódicos:

1. *Journal of Music Therapy* (AMTA, de 2008 até março de 2017);
2. *Nordic Journal of Music Therapy* (de 2008 até março de 2017);
3. *Music Therapy Perspectives* (de 2008 até março de 2017);
4. *The Arts in Psychotherapy* (de 2008 até março de 2017);

5. *Voices (de 2008 até março de 2017);*
6. *Revista Brasileira de Musicoterapia (de 2008 até março de 2017).*

Não houve restrição de idioma para busca e inclusão.

2.2 Coleta de dados e análise

As autoras extraíram dados dos estudos selecionados da seguinte forma:
Informação geral: autor(es); ano de publicação; título; periódico (título, volume, páginas); país.

População: gênero; tamanho da amostra; diagnóstico/condição de vida.

Objetivos: tipos de intervenção; abordagens; teorias.

Resultados: fatores positivos ou negativos.

3. RESULTADOS

A busca identificou e incluiu 15 artigos entre os anos de 2012 e 2017, apresentando maior expressividade de publicações no ano de 2013. Entre eles, algumas pesquisas apresentando estudos de caso qualitativos, estudos mistos quanti-quali e estudos teóricos.

Quanto à origem dos estudos: Estados Unidos (6 estudos), Canadá (3 estudos), Brasil (2 estudos), Noruega (2 estudos), Austrália (1 estudo) e Reino Unido (1 estudo). Os estudos apresentaram heterogeneidade, variando tipos de intervenção, populações e objetivos.

Quanto à população compreendida: há estudos com os membros da comunidade de musicoterapia (CURTIS, 2013, 2013 e 2015; HAHNA, 2013), com grupos de mulheres imigrantes ou refugiadas (AHONEN & DESIDERI, 2014; KIM, 2013), com mulheres submetidas a violência doméstica (KROB & SILVA, 2012), com mulheres em sofrimento psíquico (ARNDT & VOLPI, 2012), com mulheres que lutam contra o vício (GARDSTROM & DIESTELKAMP, 2013; GARDSTROM & HILLER, 2016), com uma única mulher (ROLVSJORD, 2013), com mulheres idosas desabrigadas (MOXLEY, 2012), com grupo de psicoterapeu-

tas (WRIGHT, 2017) e com mulheres em regime de prisão (O'GRANDY, ROLVSJORD & MCFERRAN, 2015). Há também estudos teóricos envolvendo paradigmas feministas (SAJNANI, 2012).

Quando aos objetivos: chama atenção a variedade de propósitos. Há estudos objetivando analisar o impacto feminista em musicoterapia (CURTIS, 2013), correlacionar terapia narrativa com terapia musical analítica (AHONEN & DESIDERI, 2014), avaliar questões relativas às mulheres desabrigadas (MOXLEY, 2012), estudar experiências de musicoterapeutas feministas (CURTIS, 2015), apurar diferenças de gênero entre musicoterapeutas (CURTIS, 2013), examinar uma abordagem (ARNDT & VOLPI, 2012; KIM, 2013), conhecer a eficiência do trabalho de musicoterapia (ARNDT & VOLPI, 2012; GARDSTROM & DIESTELKAMP, 2013; GARDSTROM & HILLER, 2016; KROB & SILVA, 2012), analisar a pedagogia feminista (HAHNA, 2013), analisar um paradigma feminista (SAJNANI, 2012), realizar um estudo de caso (O'GRANDY, ROLVSJORD & MCFERRAN, 2015; ROLVSJORD, 2013) e trocar conhecimentos entre a universidade e um grupo psicoterapeutas locais (WRIGHT, 2017).

Quanto aos resultados: há estudos que trouxeram como resultado semelhanças entre as participantes (AHONEN & DESIDERI, 2014), resultados positivos com canções (ARNDT & VOLPI, 2012), fatores que indicam que a musicoterapia pode ser um método eficaz para tratar danos emocionais (KROB & SILVA, 2012), eficácia no tratamento de pessoas com vício (GARDSTROM & HILLER, 2016), eficácia no controle de ansiedade (GARDSTROM & DIESTELKAMP, 2013), semelhanças e diferenças entre musicoterapeutas comunitários e musicoterapeutas feministas (CURTIS, 2015), falhas na equidade sociocultural de gênero entre musicoterapeutas (CURTIS, 2013; CURTIS, 2013), a musicoterapia como promotora do potencial e da melhora de questões sócio culturais (HAHNA, 2013; SAJNANI, 2012; ROLVSJORD, 2013; WRIGHT, 2017), fontes de resiliência em narrativas (MOXLEY, 2012), benefícios no uso da musicoterapia durante a fase de ajuste cultural (KIM, 2013), e fornecimento de informações contextuais sobre quando o desempenho pode ser considerado valioso para a terapia musical (O'GRANDY, ROLVSJORD & MCFERRAN, 2015).

4. DISCUSSÃO

A discussão sobre estes resultados será apresentada na palestra.

Questões importantes ligadas ao feminismo, convidam a que mais pesquisas sejam realizadas e que abranjam análises mais profundas acerca das abordagens feministas. Talvez, a busca por entender essa diversidade de demandas e de tentar acolhê-las sejam fenômenos conectados a contemporaneidade do desenvolvimento da profissão. Então, consideremos reflexivamente a musicoterapia como um território de escuta e de acolhimento deste tema que é complexo e que ao longo destes últimos dez anos envolve a comunidade científica em fluxos de mais e menos interesse. Que surjam mais estudos e reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHONEN, Heidi; DESIDERI, Antonietta Mongillo. – Heroines' Journey – Emerging story by refugee women during group analytic music therapy. *Voices: A World Forum of Music Therapy*, 14(1), 2014.

ARNDT, Andressa; VOLPI, Sheila. A canção e a construção de sentidos em musicoterapia: história de mulheres em sofrimento psíquico. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, Ano 14 nº 12, 27-38, 2012.

BARBOSA, Erivaldo M.; MACHADO, Charlinton, J. S. Gênero do direito do voto feminino no Brasil: Uma análise jurídica, política e educacional. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, nº 45, 89-100, 2012.

BRUNELL, L.; BURKETT, E. Feminism. In: *Encyclopædia Britannica*. 2017, p. 1.

CURTIS, Sandra L. Women's issues and music therapists: A look forward. *The Arts in Psychotherapy*, 40(4), 386-393, 2013.

CURTIS, Sandra. Sorry it has taken so long: Continuing feminist dialogues in music therapy. *Voices: A World Forum of Music Therapy*, 13(1), 2013.

CURTIS, Sandra L. Feminist music therapists in North America: Their lives and their practices. *Voices: A World Forum of Music Therapy*, 15(2), 2015.

GARDSTROM, Susan C.; CARLINI, Maria; JOSEFCZYK, Jessica; LOVE, Amy. Women with Addictions: Music Therapy Clinical Postures and Interventions. *Music Therapy Perspectives*, 31(2), 95-104, 2013.

GARDSTROM, Susan C.; DIESTELKAMP, Wiebke S. Woman with addictions report reduced anxiety after group music therapy: A quasi-experimental study. *Voices: A World Forum of Music Therapy*, 13(2), 2013.

HADLEY, SUSAN. *Feminist Perspectives in Music Therapy*. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 2006, 500 pages.

HAHNA, Nicole D. Towards an emancipatory practice: Incorporating feminist pedagogy in the creative arts therapies. *The Arts in Psychotherapy*, 40(4), 436-440, 2013.

HOOKS, Bell. *Feminism for everybody: Passionate Politics*. Cambridge, MA: South and Press, 2000.

KIM, Seung-A. Re-discovering voice: Korean immigrant women in group music therapy. *The Arts in Psychotherapy*, 40(4), 428-435, 2013.

KROB, Daniéli Busanello; SILVA, Laura Franch Schimidt. "Comigo não, violão!": musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, Ano 14 nº 13, 27-38, 2012.

KROLØKKE, CHARLOTTE; SCOTT SØRENSEN, ANNE. *Gender Communication Theories and Analyses: From Silence to Performance*. New York: SAGE Publications, 2005.

MOXLEY, David P.; WASHINGTON, Olivia G. M.; CALLIGAN, Holly Feen. Narrative insight into risk, vulnerability and resilience among older homeless African American women. *The Arts in Psychotherapy*, 39(5), 471-478, 2012.

O'GRANDY, Lucy; ROLVSJORD, Randi; MCFERRAN, Katrina. Women performing music in prison: na exploration of the resources that come into play. *Nordic Journal of Music Therapy*, 24(2), 123-147, 2015.

ROLVSJORD, Randi; HALSTEAD, Jill. A woman's voice: The politics of gender identity in music therapy and everyday life. *The Arts in Psychotherapy*, 40(4), 420-427, 2013.

SAJNANI, Nisha. Response/ability: Imagining s critical race feminist paradigm for the creative arts therapies. *The Arts in Psychotherapy*, 39(3), 186-191, 2012.

WRIGHT, T.; WRIGHT, K. Exploring the benefits of intersectional feminist social justice approaches in art psychotherapy. *The Arts in Psychotherapy*, 54(in progress), 7-14, 2017.

